



VOZ DA FÁTIMA

Exortamos-vos, amados filhos, com toda a solicitude do nosso coração de Pai, a que realizeis com todo o fervor o conteúdo da mensagem da Cova da Iria, fugindo do pecado e firmando as vossas almas no fervor da oração quotidiana.

PIO XII

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas «Oficinas da Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXVI — N.º 423
13 de DEZEMBRO de 1957

Avença

Nossa Senhora da Justiça

NO amor de Deus se fundamenta o amor do próximo, como também se fundamenta o amor de si mesmo. Efectivamente, porque no próximo está presente Deus, segundo a palavra do Senhor, é que nós somos obrigados a estimá-lo, como se estima ao próprio Jesus Cristo, e a causa mais profunda do amor a nós mesmos reside no facto de sermos imagem de Deus. O nosso corpo é templo do Espírito Santo e a nossa alma é imediata criação divina. Pela graça, conforme ensina S. Paulo, já não somos nós que vivemos; é Cristo que vive em nós.

A esta luz, compreende-se o respeito que Nossa Senhora tinha por si mesma. Considerando-se em seu quadro humano, reconhecia ser pobre escrava do Senhor. Vendo-se integrada no mundo das graças de privilégio, que Deus lhe concedera, tinha de confessar que nela realizara maravilhas Aquele que é Onnipotente.

Daí, a harmonia, a veneração e o equilíbrio do amor de Nossa Senhora pela sua personalidade. Era ao mesmo tempo acto de justiça e de religião, porque no fundo estava Deus. Vida, saúde, bens, tudo era visto em plano sobrenatural, realizando sem ansiedade e sem angústia a vontade do Senhor.

Se tudo aquilo tem razão de meio e não de fim, tudo se subordina ao fim supremo. Esta é a norma que deve reger o pensamento e a acção de cada homem.

Infelizmente, perde-se facilmente de vista o que é essencial e o que é accidental, o que é eterno e o que é efémero.

É dom precioso a vida, que deve conservar-se com particular cuidado. Todavia, para além desse bem, há bens mais altos, aos quais aquele deve submeter-se. Por isso, se louvam os mártires que preferem a morte à abjuração da sua fé, e se glorificam os heróis que derramam o sangue pela defesa da pátria. Também é legítimo e louvável que, por amor dos filhos, os pais se entreguem a labores extenuantes, onde se consomem as forças, e os ascetas, por amor de Deus, se sujeitem a penitências austeras, que comprometem a saúde.

Sucede, porém, que muito boa gente parece não ter mais preocupações além do seu excelente estado físico. Para mantê-lo, não há sacrifícios que não façam, nem despesas a que não se submetam, mesmo quando, para outros fins, são de mesquinha sovínice.

E poderá notar-se, algumas vezes, que o facto não se dá apenas com pessoas sem fé, ou sem práticas religiosas, mas também com gente que pretende ser cristã. Até em muitos destes casos, havendo tantas preocupações com a saúde, não há nenhuma com o estado de graça nem com a vida eterna. Parece que estas realidades, afinal as grandes realidades da vida, «unum est necessarium», devem apenas preocupar os outros. Estes espíritos superiores vivem à margem delas, como se nada devessem a Deus e tivessem no mundo a sua «cidade permanente». Injustos para com Deus, cometem também injustiça atroz para com eles próprios. E amanhã a morte, o juízo e as consequências trágicas da injustiça louca!

No entanto, pessoas muito preocupadas com a sua saúde e com a fachada do bom nome, cometem na realidade graves atropelos contra a saúde, contra o bom nome, e até contra a vida. Já não se fala em suicídio — crime contra os direitos divinos e contra os direitos humanos — que muitas vezes se evita por graves razões de ordem natural, visto a morte ser contra a natureza, às quais, para alguns, acrescem motivos de ordem religiosa. Referimo-nos, sim, às loucuras de certos prazeres, e desportos, e aventuras. Tantos extremos e cuidados, por um lado. Por outro, tanta dissipação e leviandade. Pela embriaguês da paixão e pela alucinação da glória, horas longas de doenças temerosas, de sofrimentos dramáticos, e até a morte trágica.

É assim o mundo: variado, inconstante, incoerente, criminoso. Buscando-se a felicidade, encontra-se a desgraça, e fere-se a justiça que cada um deve a si mesmo. E com tais desmandos ultraja-se a Deus.

Que a Senhora da Justiça nos obtenha a graça de vermos a verdade e de a servirmos com fidelidade, para vermos e servirmos a justiça, no amor de Deus, do nosso próximo e de nós mesmos.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

O SENHOR BISPO DE LEIRIA

Embora a saúde do venerando e querido Senhor Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, nunca tenha sido muito boa e de ano para ano se tenha vindo a tornar de cada vez mais precária, nunca ele deixou de olhar pelas coisas da sua Diocese e do Santuário da Fátima, atendendo a tudo e resolvendo os problemas que lhe eram apresentados com um carinho, uma prudência, um zelo e um saber verdadeiramente excepcionais.

Ultimamente, porém, o seu estado de saúde agravou-se bastante. Isso nos leva a redobrar as nossas orações pelo venerando Prelado e a pedir o mesmo a todos os leitores da «Voz da Fátima». Sua Ex.^o Rev.^{ma} é o Director Nacional dos Cruzados da Fátima e, se não houvesse outros motivos, bastaria esse para todos nos sentirmos na obrigação de recomendar as suas preciosas vida e saúde a Nossa Senhora da Fátima.

Quando o nosso jornal começa a ser impresso, o estado do Senhor Bispo mantém-se estacionário.

CRUZADOS DA FÁTIMA

Há quarenta anos que Nossa Senhora veio à Fátima. Trouxe uma mensagem que é preciso espalhar por toda a terra portuguesa.

Queres concorrer para a expansão dessa mensagem?

Inscribe-te nos «Cruzados da Fátima» e terás o direito de:

- 1.º — Receber todos os meses a «Voz da Fátima»;
- 2.º — Participar numa missa que diariamente se celebra na Fátima;
- 3.º — Participar nas muitas missas

que em todas as dioceses se celebram pelos «Cruzados da Fátima», além de muitas indulgências concedidas pela Santa Igreja.

Que custa ser «Cruzado»?

Custa apenas o sacrifício de 50 centavos (cinco tostões) cada mês, menos de um vintém cada dia.

Para que serve ser «Cruzado»?

Serve para promover poderosamente a salvação própria, a salvação do próximo, o triunfo da Igreja, a glória de Deus e a prosperidade da família e da Pátria.

Os Cruzados da Fátima ganham 300 dias de indulgência por cada vez que recitarem qualquer destas jaculatórias:

- Nossa Senhora da Fátima, protegei o Santo Padre.
- Nossa Senhora da Fátima, protegei o nosso Episcopado e o nosso Clero.
- Nossa Senhora da Fátima, protegei a Acção Católica.



O DIA 13 DE OUTUBRO NA COVA DA IRIA

Aspecto da procissão no momento em que nela se incorporava Sua Eminência o Senhor Cardeal Cicognani

Peregrinação de 13 de Novembro

Apesar do tempo um tanto chuvoso, não deixaram de ser bastante concorridas as cerimónias em honra de Nossa Senhora da Fátima, realizadas no Santuário no dia 13 de Novembro, o primeiro da quadra invernal.

De manhã, na Basílica e na Capela das Aparições, diversos sacerdotes rezaram missa e distribuíram a sagrada comunhão a muitos fiéis. Houve numerosas confissões.

Pouco depois das dez horas, reuniram-se os peregrinos em volta da Capela das Aparições.

Depois do terço, organizou-se a procissão com a imagem para a Basílica.

Celebrou a missa oficial, a chamada missa dos doentes, Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria, Dom João Pereira Venâncio, e ao evangelho pregou sobre a devoção a Nossa Senhora o Rev. Frei Pedro de Macieira, superior da Casa dos Religiosos Capuchinhos da Fátima.

Os doentes, cerca de uma vintena, tomaram parte nestas cerimónias em filas junto da capela-mor.

No fim da missa expôs-se solenemente o Santíssimo Sacramento e fez-se a consagração ao Imaculado Coração de Maria. O Senhor Bispo Auxiliar deu a bênção com Jesus Sacramentado aos enfermos e depois a todo o povo que enchia a Basílica, havendo ainda muitas pessoas fora. À umbela pegou o Sr. Capitão Newton da Fonseca, Administrador do Porto de Lourenço Marques.

Organizou-se finalmente a procissão do «Adeus», tendo as cerimónias terminado com o canto da «Salve Regina» em volta da Capela das Aparições.

Nesta mesma capela celebrou missa Mons. Jorge Manrique, Bispo de Oruro, na Bolívia, que visitava o local das Aparições pela primeira vez. O ilustre Prelado, que tomou parte na procissão do «Adeus», visitou depois a Basílica, onde orou nos túmulos dos videntes Jacinta e Francisco Marto.

Embora de fugida e sem ter despedido do seu automóvel, passou neste dia pela Cova da Iria o Presidente do Paquistão, General Iskander Mirza, hóspede do Governo Português. Um membro da sua comitiva, o único católico que vive no Palácio, em Carachi, esteve na Capela das Aparições a rezar diante da imagem de Nossa Senhora, e procurou o Reitor do Santuário a quem entregou uma esmola. O Presidente do Paquistão, assim como a maioria dos seus habitantes, são de religião maometana. Apesar disso, a imagem de Nossa Senhora «Peregrina», quando andou pela Ásia, foi muito bem recebida no Paquistão por parte de toda a gente. A cidade de Carachi ofereceu até um terço e um medalhão de prata com as armas da cidade.

Mensagem de Amor

GRAÇAS dos Pastorinhos

Conclusão: DAR DEUS AO MUNDO

Recolhemos até aqui, uma a uma, as lições de Nossa Senhora. Sobranceira à confusão da onda humana, Ela apareceu-nos como estrela de luz na cerração duma noite negra de tempestade.

Para os problemas angustiosos da hora actual, a solução que Ela traz é esta, somente esta: *conhecer a Deus, servir a Deus, amar a Deus.*

Aos homens esquecidos do seu destino eterno e incapazes de olhar um pouco mais para cima dos horizontes terrenos, apontou-lhes a Pátria, onde o Pai os espera, e os caminhos da verdadeira vida cristã que lá os conduzem.

Patenteou aos justos as vias da perfeição e da união com Deus, e arrancou da sua letargia os pecadores e os extraviados, incutindo-lhes o horror do mal e fazendo-lhes ver a desgraça irreparável de que estão ameaçados.

Ensinou às almas generosas a grandeza do valor e do sacrifício e quanto o Senhor aprecia e utiliza este para a conversão dos pecadores. Aos indecisos e aos fracos ensinou-lhes que a guarda dos Mandamentos é possível e até fácil, quando uma alma se apoia no socorro da graça, atraída pela oração.

Para todos, finalmente, preparou em seu Coração, maravilha de ternura e de misericórdia, um asilo seguro, fazendo consoladoras promessas a quem abraçasse a devoção ao Coração Imaculado de Maria.

Mensagem de amor duma boa Mãe, preocupada com a sorte dos seus filhos, e que vem à terra para os tomar pela mão e os levar a Deus.

Esta Mensagem ainda muitos não ouviram falar dela e menos ainda a entenderam e puseram em prática: quem lha levará e explicará (1)?

Na sua comovedora alocação da Páscoa de 1952, Pio XII, — que nos permitimos citar mais uma vez ao findar o nosso trabalho, pois foi esclarecidos pelos seus ensinamentos que melhor pudemos interpretar o pensamento de Nossa Senhora — Pio XII, dizíamos, exprimindo o desejo de que «surjam imensas falanges de apóstolos, semelhantes àquelas que a Igreja conheceu nos seus alvares», convidava os sacerdotes — e os leigos preparados para essa tarefa — a levarem a todos os lugares, «pelas ruas e praças, onde quer que haja uma alma para salvar», a Mensagem de Cristo.

Nossa Senhora da Fátima dirige-nos apelo igual ao de Jesus Cristo pelo seu Vigário. A Mensagem de Maria não é diferente da do Filho. Uma única paixão inspira uma e outra: a glória de Deus e a salvação das almas.

Nossa Senhora conta connosco.

O tempo urge: é uma questão de vida ou de morte. «Contra os profissionais do pecado», ponhamos mãos à obra, nós, «os construtores da casa de Deus».

O Coração Imaculado de Maria triunfará, bem sabemos, mas quem poderá dizer, já alguém escreveu, se será por uma renovação cristã ou pelo Juízo final? Foi pouco antes de morrer na Cruz que Jesus lançou o seu grito de triunfo: *Tende confiança! Eu venci o mundo!*

Ou reencontrar a Deus ou morrer. Não há outra alternativa para o homem do nosso século.

FR. ESTANISLAU, O. F. M. CAP.

NOTA — *Esta série de artigos que hoje terminamos, traduzidos do francês, foi publicada no nosso jornal com a autorização graciosa do Autor e do Editor (EDITONS XAVIER MAPPUS, PARIS — LE PUY). A um e outro os nossos agradecimentos.*

(1) Para este efeito pode ser de grande auxílio e recomendámo-lo vivamente o livrinho «EM OUTUBRO DIREI O QUE QUERO...» (Preço, pelo correio, 10\$50).

Peregrinos estrangeiros

De fins de Outubro a meados de Novembro, foi possível assinalar no Santuário a presença de peregrinos dos seguintes países: Alemanha, Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, Chile, Costa Rica, Egipto, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Japão, Suíça e Ucrânia.

— Rezou missa na Capela das Aparições Mons. Leonidas Proaño, bispo de Riobamba, no Equador.

— O Cónego José Vicente Salazar, de S. João da Costa Rica, director do Instituto Secular «Opus Mariae» que se dedica à formação de leigos para auxílio das obras diocesanas, veio à Europa para recrutar vocações para o seu Instituto. Passou pelo Santuário a implorar as graças de Nossa Senhora da Fátima para a sua obra que se encontra já estabelecida em quase todos os países da América Latina.

Movimento nas Casas dos Retiros

De 16 a 20 de Outubro, houve um Retiro para Senhoras da L. I. A. M.. Tomaram parte 85.

De 19 a 21, efectuou-se o Conselho Plenário da Liga Católica. A sessão de encerramento presidiu S. Em.^a o Senhor Cardeal Patriarca.

De 1 a 3 de Novembro, efectuou-se o Conselho Diocesano da J. A. C. de Leiria, com a presença de 30 rapazes.

De 6 a 10, um curso para 28 Dirigentes Diocesanas da L. O. C. F.; o Conselho Geral da J. O. C. F., com 35 raparigas; e ainda o Conselho e Curso para 120 filiações da J. O. C. F. da Diocese de Leiria

— O Duque de Wurtemberg, acompanhado de seus filhos, esteve no Santuário a rezar diante da imagem de Nossa Senhora.

Deolinda Carreira Monteiro, casada, da freguesia da Batalha, sofria de uma cistite crónica, como diziam os médicos, suportando durante doze anos as maiores dores e incómodos e gastando muito dinheiro em medicamentos que nada a aliviavam. Vendo, pela leitura da «Voz da Fátima», as muitas graças que Nossa Senhora alcança aos que a Ela recorrem com fé, pediu com todo o fervor as suas melhoras, prometendo além de outras coisas, dar 50\$00 para as despesas da Beatificação da Jacinta e fazer publicar a graça obtida. Desde esse momento, há cerca de um ano, principiou a sentir grandes melhoras que cada vez se acentuavam mais e hoje nada sente, correndo a sua vida normalmente e sem incómodo algum.

Tudo isto conseguiu sem aplicação de nenhuma medicina.

Confirma esta graça o Rev. Pároco da Batalha, Padre Manuel Pereira da Silva Gonçalves, com data de 12 de Julho de 1955.

O Pároco de Peravelha (Moimenta da Beira) torna pública, como prometeu, a grande graça que a Serva de Deus Jacinta obteve para sua sobrinha e afilhada Aida Afonso.

Tendo esta, em Março de 1954, uma grave infecção nos olhos, recorreu — e pediu a outras pessoas que fizessem o mesmo — à vidente da Fátima para que sua sobrinha não viesse a perder a vista. Segundo o médico especialista, o caso estava muito sério.

Graças à intercessão de Jacinta, já há meses que se encontra boa, dispensando até os óculos receitados, facto que causou a admiração do mesmo especialista ao qual voltou passados dois anos.

Envia 20\$00, além de uma missa que já celebrou a pedir a beatificação da Serva de Deus.

As alunas da 3.^a classe da Escola de Creixomil, Guimarães, testemunham por este meio a sua gratidão à Serva de Deus Jacinta Marto, pelo completo restabelecimento da sua companheira Maria Inês de Sousa Pereira, que tendo tido uma grave doença, não pôde frequentar a escola durante quatro meses. Envia 13\$00 para a sua Beatificação.

João Rodrigues, proprietário, residente na Quinta do Sobral, freguesia de Ceira de Coimbra, andou doente quatro anos, tendo durante todo este tempo crises dolorosíssimas, em que todos os médicos e vizinhos o julgavam completamente inutilizado para a sua vida. Ao ver-se assim, e sabendo que a medicina era incapaz de lhe restituir a saúde, resolveu-se a recorrer a Nossa Senhora da Fátima por intermédio de Jacinta, para ver se a vida não lhe era tão penosa, pois estava quase sempre de cama e cheio de dores. Nossa Senhora ouviu os seus rogos e ele agora, cheio de alegria, vem agradecer a Nossa Senhora a saúde e felicidade que lhe deu.

Relata e confirma este caso o Rev. Pároco de Ceira, P.^o António de Almeida Campos.

Um Sacerdote, tendo fracturado um braço em virtude duma queda de bicicleta motorizada, recorreu à Jacinta, prometendo enviar 100\$00 para a Causa da Beatificação, caso não fosse preciso levar aparelho de gesso nem ser operado, nem sofresse dores violentas.

A região fracturada era realmente melindrosa — a cabeça do húmero, que ficou completamente desligada.

Tudo sucedeu como desejava, e por isso vem muito gostosamente cumprir a sua promessa.

Agradecem graças e enviam esmolos

- D. Maria Filomena, Barcelos, 10\$00
- D. Ilda Ferreira, 20\$00
- D. Irene da Conceição Brilhante de Matos, Évora, 20\$00
- João Augusto Lopes de Almeida, Pardilhó, 100\$00
- D. Piedade Vieira Moura, Mata de Lobos, 20\$00
- D. Abegail Martins Carvalho Miranda, Ponta Delgada, 40\$00
- D. Alice Margarida dos Santos, S. Pedro, Óbidos, 5\$00
- António Vieira dos Santos Tavares, Braga, 50\$00
- D. Palmira Pires de Moura, Brasil, 40\$00
- D. Maria Leite Gonçalves de Campos, Angola, 75 angolares

AGRADECEM GRAÇAS A NOSSA SENHORA

D. Natália Vieira Pires, Terceira, Açores
 D. Maria Alice da Costa Fariña, Amarante
 D. Branca Monteiro, Porto
 D. Angelina de Almeida, Lisboa
 D. Maria I. Covas Lima A. de Carvalho, Beja
 D. Olinda Rodrigues Fonseca, Marinha Grande
 D. Maria da Conceição Teixeira, Arouca
 D. Ana Oliveira Prata, Loureiro, Oliveira de Azemeis
 D. Adélia de Freitas, Amarante
 D. Prazeres de Jesus Cote, Vila Fernando, Guarda
 D. Honorina de Melo Maciel, Pico, Açores
 D. Rosa Ferreira de Castro, Guisande
 Manuel Pinto dos Santos, Guisande
 D. Rosa Ferreira de Castro, Guisande
 Manuel Pinto dos Santos, Guisande
 D. Celeste Gomes de Almeida, Guisande
 Domingos José da Silva, Guisande
 D. Deolinda de Jesus, Guisande
 D. Francisca Gonçalves, Guisande
 D. Pedra de Freitas Barros Rodrigues, Luanda, Angola
 D. Maria Teresa de Paiva Cunha, Funchal, Madeira
 D. Isabel Lapa Rocha Cardoso, Mexilhoeira
 José Roça Correia Pires, Cantanhede
 D. Lucinda Dias, Porto
 Manuel dos Santos Pinheiro, Horta, Açores
 D. Jerónima Camacha, Lisboa
 D. Maria Borges Almeida, Lagoa
 D. Gracinda Rosa Teixeira, Bóveda, Chaves
 D. Maria Teresa de Freitas Teixeira, S. Paulo, Brasil
 D. Alicia Ogorman, Monte, Argentina
 D. Felismina Alice, Mortágua
 José Correia de Sousa, Modivas
 José Amílcar, Pico, Açores
 D. Maria da Glória Serpa, Pico, Açores
 D. Maria Amélia de Araújo Carvalho, Louro
 D. Idalina M. Pereira Santos Ferreira, Lisboa
 D. Maria Francisca Soares, Murtosa
 Ernesto Duarte Campos, Carregosa
 Manuel José de Matos, Murtosa
 D. Maria da Conceição, Milheiros, Maia
 Mandino Raymundo, Vagos
 D. Dionizina Augusto dos Santos, Tronco
 D. Maria da Purificação dos Santos, Tronco
 D. Maria Mendes de Almeida
 D. Olimpia Fernandes, Funchal, Madeira
 Jean Blake, Londres, Inglaterra
 D. Ester Gonçalves Galvão, Lisboa
 Luis de Menezes Fagundes, Lajes, Terceira, Açores
 D. Carlota Cardoso, Espozende
 D. Conceição Gonçalves, Lisboa
 D. Júlia Frutuoso da Silveira, S. Jorge, Açores
 D. Maria Fontes, S. Jorge, Açores
 D. Maria da Luz Gomes Cardoso, Porto
 D. Águeda Escovalet Fretes, Barrancos
 Júlio Pereira da Fonseca, St. Cruz do Douro
 Capitão Mário Augusto Soares Pinto, Lisboa
 Luis de Oliveira, Lordelo, Paredes
 Irmã Maria do Divino Cordeiro, Manteigas
 D. Celestina do Espírito Santo Bernardo, Castelojo
 D. Maria Jorge Martins, Enxabarda
 Casimiro de Araújo, S. Bartolomeu do Rego
 António da Costa, Lamosa, Serrancelhe
 D. Maria de Lurdes, Luzinda, Viseu
 D. Maria José Gaspar Alpedriña, Santa Estelita
 José Maria Rodrigues, Lomar
 Acácio Jorge Bragadas, Santo Aleixo, R. da Pena
 D. Albertina de Sousa, Covelas
 D. Virgínia Pereira, S. Caetano, Pico, Açores
 D. Maria Amélia da Silveira, S. Caetano, Pico, Açores
 António Lobão da Costa, Rio de Janeiro, Brasil
 D. Maria Gusmão, Ortigueira de Saia
 D. Maria do Rosário Martins Mendonça, Faro
 D. Maria do Céu Nunes, Ribeirinha, Faial, Açores
 D. Maria da Silva Elias, Messines
 Guilherme da Encarnação, Magadouro
 Joaquim António de Oliveira Lima, Leiria
 D. Rosa Madalena Cardoso Faria, S. Miguel das Aves
 D. Maria da Silveira Rodrigues, S. Mateus, Pico
 D. Maria do Carmo Machado Neto, Porto Santo
 D. Luisa Maria Ramos Monteiro, Fajozes, Vila do Conde
 D. Augusta da Costa Silva, Trofa
 D. Maria José Mouta Mergulhão, Porto
 D. Maria José de Sousa Alves, Faial, Açores
 Norberto Faria Pereira, Faial, Açores
 Manuel Francisco de Macedo, Horta, Açores
 Manuel de Brito, S. Teotónio, Odemira
 D. Marieta Mendes Pinto, Loulé
 D. Maria Amélia Ferreira Paulo, T. do Pão, Pico
 Francisco Albano Sampaio, Couciro, Vila Verde
 D. Laura da Silva Ramos, Arouca
 D. Ana da Conceição Neves, Arouca
 D. Silvina de Jesus Mariano, Vila Nova de Fozcoia
 D. Maria de Lurdes S. Reis, Funchal, Madeira
 D. Maria Júlia Paiva, Flores, Açores
 D. Virgínia Rosa da Luz, Quelfes
 Alberto E. Raposo, S. Miguel, Açores
 D. Maria Gonçalves, Porto
 D. Maria da Silva, Monchique
 D. Cecília da Mora Oliveira, Pansol
 D. Ana José da Silva, S. Jacinto, Aveiro
 D. Olimpia Cora Monteiro Lopes, M. de Cavaleiros
 A. S. M. Gomes, Porto
 D. Maria Borges Simões, Porto Martins, Terceira
 D. Rosa Maria Lecoq Lacerda Ferraz
 Adriano da Silva Roda, Santo Aleixo
 D. Isabel Maria Águas, Algas
 D. Alcinda Agrela, Funchal, Madeira
 Manuel Fernandes, Vinhós, Fafe
 D. Madalena Alves de Borda, Calheta, S. Jorge
 D. Maria Camila Pereira Queiroz, Coimbra
 D. Deotícia de Almeida, Ponta Delgada
 D. Maria Adriana B. Cordeiro, Ribeira Grande
 D. Maria Cândida Caixinha, Lagoa
 D. Maria Alves Pereira Couto, Nampula, Moçambique
 D. Maria da Glória Gonçalves, Paredes de Coura
 D. Joaquina Soares Martins, Oliveira de Azemeis
 D. Maria da Conceição Moura, S. Gens, Fafe
 D. Maura Esmeralda Bettencourt, Norte Pequeno, Açores
 Adelino de Miranda Martins, Barqueiros, Barcelos
 D. Maria do Nascimento Ferreira
 D. Maria da Conceição Sousa
 D. Inácia de Magalhães Pereira, Paços, C. de Basto
 Rev. P. Kelly
 D. Aires das Dores, Catofe, Angola
 D. Helena das Dores de Sousa, Catofe, Angola
 D. Maria Mariana Idefonso, Aldeia Nova de S. Bento
 D. Ângela Lurdes Bettencourt, S. Jorge, Açores
 D. Cândida Amália Jordão Ramos Félix, C. de Vide
 D. Maria Madalena dos Santos R. da Silva, Nova Lisboa
 D. Maria Manuela Alves de Borja, Calheta, S. Jorge
 D. Maria Parreira, Loulé

Alocução do Em.^{mo} Cardeal Cicognani

(CONTINUAÇÃO)

Celebramos precisamente hoje, com emoção na alma, os 40 anos da última aparição aos três pequenos videntes, e cabe-me a consolação e privilégio de presidir a esta cerimónia. É a primeira vez que tenho a alegria de me encontrar na Fátima. Não obstante ter vivido, por muitos anos, não longe da Fátima, não obstante o vivíssimo desejo de visitar esta sagrada montanha, circunstâncias diversas me impediram sempre.

«Por toda a parte o nome da Fátima suscita entusiasmo e esperança»

Agradeço, por isso, do coração a quem me convidou a presidir a esta cerimónia. É a primeira vez, repito, que me encontro na Cova da Iria, mas, Virgem Santíssima, não é a primeira vez que tenho a consolação e o privilégio de me prostrar diante da Vossa Imagem, de Vos venerar e Vos dirigir a minha oração; não é a primeira vez que Vos vejo, Virgem da Fátima, porque Vos contemplei em circunstâncias que foram igualmente de glória e grande triunfo para Vós. Revejo-Vos, Virgem da Fátima, porque me uni ao povo de Madrid quando Vos acolheu com transbordante entusiasmo na vossa peregrinação à capital da Espanha. Durante nove dias Vós fostes a Senhora e Soberana da cidade; durante nove dias recebestes a homenagem incessante de todo um povo entusiasmado porque estava enamorado de Vós; durante nove dias ele Vos acompanhou com louvores e aplausos, com orações e lágrimas, que por toda a parte Vos acolhiam como anunciadora da Paz. A vossa sede habitual era a Catedral de Madrid, mas todos os dias saíeis par visitar uma das paróquias mais pobres, e os pobres recebiam-Vos com confiança, honravam-Vos como se honra a Mãe e Senhora. Pobres e ricos, porque no honrar-Vos não houve distinção de classes, houve somente uma ardente emulação na mútua contenda de todos em sobressair na exaltação das Vossas glórias. O Chefe do Estado quis ter o privilégio de Vos receber na sua casa; o Município de Madrid abriu as portas exultante; a Universidade colocou-Vos nas suas aulas, onde recebestes a homenagem da Ciência pela palavra culta e ardente do Ministro da Educação Nacional.

Da Cidade Universitária dirigistes-Vos à enorme Praça da Armaria, onde fostes colocada em frente do Palácio do Oriente, num grandioso altar com profusão de flores e onde recebestes, a concluir aqueles dias inesquecíveis, a homenagem e saudação de centenas de milhares de fiéis. Aquele dia 30

de Maio de 1948 ficará imortal na história da vida madrilenha. Em lugar de destaque via-se o Chefe do Estado com a esposa e filha, acompanhados de todo o Governo; ao Patriarca das Índias Ocidentais e Bispo de Madrid faziam coroa um notável número de Arcebispos e Bispos, o Corpo Diplomático, autoridades da Magistratura e do Exército, representantes de todas as associações. Em lugar reservado os doentes, depois o povo; o povo que chegava de todas as ruas e de todas as direcções e se aglomerava na Praça e nas ruas adjacentes, entre cânticos e vivas, aplausos e aclamações, num continuo agitar de lenços, num ondear de emblemas e bandeiras; e... aos vossos pés as pombas vigilantes e devotas que, com o seu esvoaçar, imprimiam àquele espectáculo indiscritível uma nota de graciosidade e encanto.

Celebrou a Missa de Pontifical o Patriarca das Índias e Bispo de Madrid, a quem se deviam aqueles dias de paraíso.

Falou ao Evangelho, e em perfeito espanhol, o vosso Cardeal de Lisboa, que, com a sua comovida e inspirada eloquência, cantou a Senhora da Fátima, as vossas glórias, disse das vossas graças e dos vossos prodígios, falou do vosso sorriso de Mãe espalhado largamente em Portugal e no mundo inteiro. Sim, no mundo inteiro; por toda a parte o nome da Fátima suscita entusiasmo e esperança, é semelhante a um choque que faz com que o espírito prorrompa imediatamente numa exclamação de afecto, murmure espontaneamente uma oração, suplicando a realização das vossas promessas, Virgem da Fátima.

«Ao Vosso trono súplices nos prostramos»

Apesar das ruínas da última guerra, apesar dos milhões de vítimas e da destruição de tesouros incalculáveis, da devastação das cidades e dos campos, apesar dos esforços generosos de almas nobres para evitar novos conflitos e consolidar a Paz, não nos sentimos seguros da sabedoria humana, e um temor angustioso invade e oprime os ânimos. Nesta hora de ansias e esperanças, acima deste coro de orações eleva-se solene e exortadora a voz do Sumo Pontífice. Ao vosso Coração Imaculado, Virgem da Fátima, consagrou Pio XII a Humanidade inteira. Ele mostra-nos o vosso Coração Imaculado como refúgio seguro par a nossa salvação. Ele, o Augusto Pontífice, comentando a vossa Mensagem, exorta-nos à confiança e ao sacrifício, à súplica e à oração,

sobretudo por meio do Santo Rosário, no qual, Virgem Santíssima, particularmente insistis. Rainha do Santíssimo Rosário, repetiremos com o Santo Padre, Auxílio dos Cristãos, Refúgio do Género Humano, vencedora de todas as batalhas de Deus, ao vosso trono súplices nos prostramos, seguros de conseguir misericórdia e de encontrar graça e auxílio nas presentes calamidades, não pelos méritos, próprios de que não presumimos, mas unicamente pela imensa bondade do vosso Coração Materno.

«As insistentes exortações da Virgem»

Celebramos hoje o 40.º Aniversário da sexta e última aparição, na qual tomou parte o mesmo Céu, com o deslumbrante fenómeno do sol, que se uniu aos fiéis a glorificar a Virgem Maria. A imensa multidão, mais de cinquenta mil pessoas, ficou, num primeiro tempo, cheia de temor e assombro, rompendo depois num entusiasmo delirante de hossanas e vivas a Maria. E enquanto aquela enorme multidão olhava para o Céu como que extasiada, os três pequenos videntes pensavam em seus corações na despedida da Virgem. Era aquela a última aparição, aquele o último colóquio, a última exortação da Virgem, recomendando que não se deixasse de recitar o Rosário todos os dias. Ela mostrou-se sempre com o terço para nos ensinar, sem dúvida, com os mistérios gozosos a vida de família, as belezas escondidas de Nazaré, cheias de afectos e cuidados; mas por último quis a Virgem apresentar-se sob as aparências de Senhora das Dores, para nos ensinar que às alegrias puras e fecundas da família podem juntar-se, na vida, dificuldades e sacrifícios, donde vem a necessidade de meditar os mistérios dolorosos.

E na terceira visão, apresentando-se como a Virgem do Carmo que assegura aos seus filhos a glória eterna, segundo a interpretação destas três diferentes manifestações, consideramos os mistérios gloriosos esperança e prémio dos devotos de Maria.

Sigamos, por isso, as insistentes exortações da Virgem, e, nesta magna assembleia, apraz-me concluir dirigindo-vos o convite dum magnífico hino à Virgem:

«Venite, gentes, carpite
 Ex his rosas mysteriis,
 Et pulchri amoris inclytas
 Matri coronas nectites».

Vinde, ó povos, e mediante a meditação dos mistérios do Santo Rosário, recolhei rosas e formai coroas para adornar a Virgem Mãe.

LIVROS RECEBIDOS

EVA LAVALLIÈRE, pelo P.º Oliveiros de Jesus. Gráfica Almondina, Torres Novas.

Está na 2.ª edição a biografia apaixonante da «Madalena do Século XX», traçada por pena escrupulosa, incapaz de se aproveitar das circunstâncias, verdadeiramente excepcionais, para romantizar ou dramatizar. É antes com manifesta sinceridade, que não exclui a elegância, que o Autor apresenta e comenta os acontecimentos, pondo em relevo a miséria a que tantas almas estão sujeitas e a acção da graça naquela que, mesmo sob o domínio do pecado, sempre conservou veneração por Maria Santíssima.

Desde o primeiro capítulo «A filha do alcoólico» até ao último «A que foi estrela na terra vai brilhar no céu», todo o livro é de palpante ensinamento. Assim o confirma no prefácio o saudoso P.º Augusto Durão Alves.:

«Na verdade, a melhor apologética cristã é a que se faz com o exemplo dos cristãos. E quando estes apresentam na

António Varejão
 D. Ana Vasques, Faial, Açores
 D. Laura Ferreira de Almeida Real, Vieira do Minho

sua vida manchas escuras, apagadas finalmente pela graça da conversão, a lição que deles se tira é mais impressionante e convincente, por melhor adaptada à nossa condição de pecadores».

INSODÁVEIS CAMINHOS DA PROVIDENCIA, pelo P.º Pavel Bliznetzov. Edição do «Exército Azul», Fátima.

Como o anterior, este livrinho mostra-nos a acção da graça numa alma de boa vontade. O Autor, Capelão nomeado da Sede Internacional do Exército Azul, conta-nos as tragédias da sua vida e da sua alma, desde os bancos das escolas e das academias soviéticas, os horrores da guerra em 1941, em que serviu como oficial aviador, até aos campos de concentração de prisioneiros, à vida agitada e incerta de refugiado, às lutas da sua consciência, e até à entrada para o Seminário «Russicum» de Roma e à pacífica e total entrega da sua vida a Cristo, pelo Sacerdócio católico.

Livrinho admirável, que se lê como um romance, e muito instrutivo, pelo que nos ensina da mentalidade dos nossos irmãos ortodoxos e pelas preciosas lições de apologética que encerra.

A arma absoluta

Até hoje, sempre os militares encontraram uma arma defensiva para opor a outra arma ofensiva: o escudo contra a flecha ou o dardo, a máscara contra o gás, a blindagem ou a mobilidade contra o bazooka, o radar contra a aviação supersônica. Mas nada poderá opor-se à arma de amanhã. Os entendidos baptizaram esse engenho de «a arma absoluta».

Mas eles esqueceram, ou ignoram, que Absoluto só Deus.

Fátima, 13 de Outubro de 1917. Deus «brinca» com o Sol para aqueles 70 mil espectadores presentes. Fá-lo cair sobre as suas cabeças. Pelo menos, disse tiveram eles a sensação. Mas a «dança do sol» foi apenas um incidente, uma coisa acessória. Nossa Senhora chegara até a anunciar que, por causa de terem tratado mal os seus amiguinhos, o «milagre» do dia 13 de Outubro não seria tão grande como estava previsto. O principal era a Mensagem que a Senhora trazia aos homens. Sou a Senhora do Rosário... Que continuem sempre a rezar o terço todos os dias...

O Terço! O Padre Santo comparou o terço à funda de David. Dum lado, o enorme Golias; do outro, o franzino David, com a funda e algumas pedras no surrão. Quem será capaz de apostar no pastorinho contra o guerreiro?

O mesmo se dá connosco e o nosso terço.

Frente a frente a fábricas e a laboratórios gigantes, a exércitos de sábios e de técnicos que constroem engenhos de três ou cinco andares, teleguiados e com cargas nucleares, ficamos nós a passar as nossas contas. Uma coisa pueril! Uma coisa absurda até, perante a razão humana.

E contudo, somos nós que possuímos essa singular arma absoluta: O TERÇO.

Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz... e será concedido ao mundo algum tempo de paz.

Algum tempo de paz! Ora há meio século que o mundo não sabe o que isso é. Porque a primeira guerra mundial e a segunda e o tempo entre as duas, isso não era paz. E a guerra dos nervos, a guerra fria, a Coreia, a Indochina, a Argélia, Suez, o Médio-Oriente, a China, Budapeste, Varsóvia, as pontes aéreas, as experiências atómicas, também isso não é a paz.

E no entanto a Santíssima Virgem — Ela sabe o que diz — prometeu ao mundo algum tempo de paz.

Se atenderem a meus pedidos... É o pedido n.º 1 de Maria, o pedido mais vezes repetido foi o da reza diária do terço.

O terço é a nossa «arma absoluta». Temos de servir-nos dela. Rezar o terço todos os dias. Levar os outros a rezá-lo também, sem omissão, sem descanso.

S. O. S. É urgente!

B. L.

Crónica financeira

Este ano surgiu de novo a crise da batata. Ouvimos dizer que houve terras onde foi vendida a três tostões o quilo! Já aqui nos temos referido mais de uma vez a este problema grave, para o qual o lavrador tem uma só saída, que é não plantar, ou plantar apenas para o consumo do casal. É a única maneira de não perder.

Se a terra é boa, o lavrador em vez de plantar batatas, pode semear outros géneros. Sabemos de lavradores que no ano agrícola findo, numas terras semearam tremoço, noutras plantaram batata. Com o tremoço tiveram lucro razoável; com a batata, perderam. Para a safra do ano agrícola corrente já sabem o que hão-de fazer. E quem diz tremoço, diz outro género adequado.

O lavrador do Norte, ou melhor das terras onde predomina a cultura do milho, teve um ano mau, porque faltou a água para as regas. Nos milhos de sequeiro, a colheita foi boa, mas não compensou, porque as terras de rega é que dão a fatura.

A colheita do vinho foi também pequena, embora de qualidade excelente. Houve lavradores no Minho que nem sequer vindimaram, tão insignificante era a uva aproveitável que tinham nas videiras. Por isso mesmo, os preços dos vinhos verdes estão já altos, a conto e quinhentos, e há quem diga que chegarão a dois contos. Muitos, talvez a maior parte, nem a este preço cobrirão as despesas feitas com o

amanho e tratamento das vinhas. Não obstante, é bom não esquecer o velho aforismo que diz que quem tudo quer, tudo perde.

O vinho foi pouco, não só em Portugal, mas lá fora, designadamente na França, que é o grande país vinícola. Por isso é possível que apareçam por cá os franceses a comprar vinhos, o que contribuirá para uma maior subida de preços. Assim seja.

Não é por que o vinho esteja caro que irá aumentar o consumo da cerveja. Não, este consumo já vinha em aumento com o vinho a rastos de barato. O consumo da cerveja está em progresso com a parvoeira nacional. Diz um autor inglês do princípio do século passado, que em Portugal só se bebia vinho e derivados, e que não se consumia uma gota de bebidas alcoólicas estrangeiras, o que ele muito louvava e com razão.

Hoje, não só importamos inúmeras bebidas estrangeiras, algumas detestáveis, mas até se importou o fabrico de outras, designadamente da cerveja, o que é um contra-senso, num país vinícola e que, de mais a mais, carece de cereais. Que pena não se poder fabricar também juízo, artigo que tanta falta nos faz!

É verdade que o podemos importar, e já anda por aí muita cabeça estrangeira, a suprir a nossa falta de senso...

PACHECO DE AMORIM

Fátima e os Protestantes

Eis como uma revista luterana alemã — «SANCTA» — se refere à Mensagem da Fátima:

Se as coisas são como a Igreja Católica afirma — e nós não temos nenhum motivo para disso duvidar, porque, de contrário, os relatos dos acontecimentos da Fátima, de Lourdes e de La Salette seriam um tremendo embuste, com que a Igreja Católica se enganaria a ela própria, um embuste que já teria sido desmascarado pelos seus adversários — se as coisas são realmente assim, então temos de pensar que a Mensagem da Fátima não diz respeito apenas à Igreja Católica, mas a toda a Cristandade, ao mundo inteiro.

Hoje, em que está em jogo a existência ou não-existência do cristianismo nesta ou naquela nação, não seria faltar às nossas responsabilidades fecharmos os ouvidos à voz de Deus que fala ao mundo por intermédio de Maria, pela simples razão de que essa voz nos chega através da Igreja Católica?

Porque de duas uma: Ou é o Espírito Santo que opera por meio de Maria, e essas aparições são mi-

lagres grandiosos e graças incompreensíveis que Deus dá aos homens do nosso tempo, e todos os cristãos, mesmo os não-católicos, deveriam abrir largamente o seu coração e a sua vontade a tais apelos; — ou então trata-se duma grande comédia e todos os cristãos não-católicos deveriam protestar enérgicamente contra ela.

Em qualquer das hipóteses, estas coisas não podem ficar entre nós no silêncio. Devemos examiná-las. Com imparcialidade, com exactidão e sem demora. Porque as ruínas ameaçam as nossas fronteiras. Porque pode acontecer que, não as reconhecendo, seja a mão salvadora de Deus que nós rejeitamos.

Não é só a autoridade da Igreja Evangélica luterana que nós convidamos a fazer um exame e a tomar posição. Pedimos igualmente a todas as outras denominações cristãs que secundem o nosso desejo de fazer um exame objectivo a estes factos de extraordinária importância.

Se tais factos não se podem negar, então deveríamos tirar deles todas as consequências.

PALAVRAS DUM MÉDICO

PELA BOCA... MORRE O PEIXE

Ao escrever este rifão, não pensava dissertar sobre a «morte eterna» dos que pelo mau uso da linguagem ou por quaisquer outros pecados graves relacionados com a primeira porção do aparelho digestivo tenham merecido ou venham a merecer a exclusão permanente da bem-aventurança celeste. Talvez nunca como hoje, em que a mentira, a calúnia, o perjúrio, a linguagem equívoca ou licenciosa tanto mal têm feito à sociedade cristã (ou que como tal se intitula) fosse tão oportuno desenvolver esse tema.

Porém, como médico, queria simplesmente referir-me às doenças graves e tantas vezes mortais dependentes do desequilíbrio prolongado entre as necessidades do organismo e a quantidade e qualidade de alimentos que nós lhe proporcionamos. E a este respeito é muito grande a ignorância, mesmo nos meios elevados e cultos. Se a carência alimentar em determinados factores (proteínas, vitaminas, etc.) pode conduzir a doenças importantes, não é menos verdade ter as mais perniciosas consequências o consumo de dietas muito ricas, excessivamente abundantes em gorduras, nucleínas, protídios, etc., especialmente quando o organismo se encontra fora de períodos especiais que assim as requerem (crescimento, gravidez, amamentação, convalescença, exposição prolongada a temperaturas baixas, etc.) e sobretudo quando a vida sedentária se opõe à utilização das substâncias ingeridas.

O sedentarismo é um grande mal da sociedade contemporânea, em que os homens, principalmente nas cidades, têm ao seu dispor numerosos e variados meios de transporte e habitualmente pouco tempo livre para se poderem deslocar pelos seus meios naturais. Ainda não há muito ouvi falar dum velho mestre da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, o Prof. Pedro Dias, falecido com mais de 90 anos, e que diariamente se deslocava a pé da sua residência em Paranhos para visitar os seus doentinhos na Ordem de S. Francisco! Porque hoje assim não podemos fazer (e a verdade manda também que se diga, porque muita gente se livra agora de morrer na juventude de doenças infecciosas) são tão frequentes as doenças do metabolismo e entre elas a arteriosclerose, fonte das mais graves perturbações. Deste modo, vemos com crescente frequência serem lançados para a morte,

ou para a invalidez, indivíduos de 45-60 anos, quando muito ainda havia a esperar da sua actividade, com enfartes do miocárdio, aortites, trombose cerebrais, perturbações da irrigação dos membros, etc..

Que urge pois fazer? É plano muito vasto para resumir em artigo desta índole, mas pode sintetizar-se em dois pontos capitais:

1 — Esforçarem-se os homens de vida sedentária, nos momentos livres, por contrariarem os malefícios dela com o uso graduado dos exercícios físicos, desde as marchas a pé, à ginástica, à prática de alguns desportos, e sobretudo por terem sempre a força necessária (e isto é difícil, sei-o bem) para resistirem à tentação de se meterem num eléctrico, num autocarro, ou no próprio automóvel para cobrirem as mais curtas distâncias, ou à de passarem umas horas sentados no café ou encafuados num cinema.

2 — Procurarmos ingerir apenas os alimentos indispensáveis para as necessidades orgânicas diárias, distribuídos por refeições simples, tomadas a horas certas e com tempo suficiente para uma correcta mastigação, fugindo às refeições copiosas (a gula é pecado mortal...), excessivamente ricas em gorduras, ingeridas apressada e distraidamente, com o espírito tenso, ausente da atmosfera calma do lar, tantas vezes acompanhadas da leitura de jornais, ou da audição de noticiário radiofónico, frequentemente fonte de inquietação e ansiedade.

Se virmos um senhor atarefado, sujeito a mil preocupações, que ingere incríveis refeições em 10 ou 15 minutos, a horas inacreditáveis, e se dobra logo a seguir ao volante do seu automóvel ou à sua banca de trabalho e que não se obriga a dispor de tempo para dedicar à família, à descontração dos seus nervos, ao exercício físico, à contemplação da natureza, olhemo-lo com compaixão: a morte espreita-o e talvez (quem sabe?) a condenação eterna, por não ter tido tempo também para pensar na sua alma e no seu destino superior e para considerar que na base da sua vida trepidante estava a sujeição implícita a alguns pecados mortais...

Porto, 11 de Novembro de 1957.

ABEL SAMPAIO TAVARES